

# Apresentação

A Linguística Aplicada, como área de conhecimento, é articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos que têm preocupação com a linguagem<sup>1</sup>. Esses múltiplos domínios podem ser vistos, como num calidoscópio, nas mais diferentes combinações. Estamos convidando você, leitor, a navegar pelos sete artigos deste volume, destinado a trabalhos relacionados à linha Linguagem e Práticas Escolares, e a apreciar essas combinações nesses variados domínios.

Começamos pela contemporaneidade. A sala de aula de nosso tempo é múltipla e complexa. Na primeira parada de nossa viagem por esse contexto, detemo-nos nos impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y; em seguida, passamos à sala de aula de língua estrangeira: ali discutimos a aprendizagem autônoma de crianças em contexto bilíngue; o efeito da grafia em tarefa de acesso lexical de um multilíngue; a idealização de soluções para o ensino de inglês em circunstâncias adversas; o papel do sorriso na interação professor-aluno e aluno-aluno, e, entendendo a aprendizagem em sala de aula como processo social, uma reflexão sobre as ações pedagógicas de uma professora pré-serviço de inglês. Nossa viagem termina numa volta no tempo, focalizando as primeiras décadas do século XX: ali se analisa o discurso sobre o ensino (e a aprendizagem) do português como segunda língua, veiculado pelo *Jornal da Associação de Professores Teuto-Brasileiros Católicos do Rio Grande do Sul*.

No artigo *Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y*, Antonio Carlos Xavier, da UFPE, apresenta os resultados de uma pesquisa realizada sobre as formas de aquisição do letramento digital pela Geração Y (a geração da internet, nascida após 1980), mostrando como essa nova geração tem aprendido e utilizado as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) dentro e fora da escola. Compreendendo o letramento digital como a aquisição de um conjunto de habilidades para ler, escrever e interagir com a mediação de equipamentos digitais (computador *off* e *on-line* e telefone celular), o autor chega à conclusão de que a Geração

Y, por estar exposta a equipamentos tecnológicos desde cedo, tende a adquirir o letramento digital tão naturalmente quanto aprende a andar e a falar, o que impacta positivamente o processo de aprendizagem escolar dessa geração. Entender a sala de aula contemporânea implica compreender os alunos que hoje afluem às escolas.

No segundo artigo, *A aprendizagem autônoma de crianças aprendizes de línguas em um contexto de ensino de currículo bilíngue por meio de um centro de autoacesso*, Daniele Blos (IEHN) e Christine Nicolaides (UFRJ), baseadas em princípios etnográficos, analisam o processo de desenvolvimento da autonomia de três alunos da 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola que oferece currículo bilíngue Português/Inglês. Os dados foram gerados durante um trimestre letivo em que os alunos participantes frequentaram centros de autoacesso nas aulas de língua inglesa. Para o artigo em questão, foram considerados os dados relativos a um aluno, que inicialmente não demonstrava interesse pelas aulas. Ao analisar os dados, as autoras mostram que, em sua trajetória, o aluno focalizado apresenta claros traços de desenvolvimento de autonomia, passando de um aprendiz tímido e desmotivado a um aprendiz ativo e responsável por sua aprendizagem e mais bem aceito no grupo social onde está inserido.

Em seguida, Cintia Avila Blank e Márcia Cristina Zimmer, ambas da UCPel, em *A influência da grafia em tarefa de acesso lexical envolvendo a L2 (francês) e a L3 (inglês) de um multilíngue: uma abordagem via sistemas dinâmicos*, apresentam um estudo de caso que tratou, numa perspectiva dinâmica, do efeito da grafia em tarefa de acesso lexical envolvendo o francês (L2) e o inglês (L3) de um multilíngue falante de português brasileiro como L1. Os resultados da tarefa, avaliados em termos de tempo de reação, sugerem a predominância da transferência grafo-fônico-fonológica da L2 para a L3 e também fornecem evidências de transferência grafo-fônico-fonológica da L3 para a L2. Tais resultados estão em consonância com o referencial dinâmico adotado no trabalho. As autoras mostram que esse funcionamento

<sup>1</sup> CELANI, M.A.A. 200. A Relevância da Linguística Aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: M.B.M. FORTKAMP, *Aspectos da Linguística Aplicada*. Florianópolis, Insular, p. 19-20.

cognitivo complexo atua de forma colaborativa, o que possibilita a interação entre o conhecimento prévio (L1 e L2) e o conhecimento novo (L3).

*Idealizando soluções para o ensino de inglês em circunstâncias adversas: uma experiência na formação inicial* é o texto em que Michele Salles El Kadri (UEL), Telma Nunes Gimenez (UEL), Taisa Passoni (UNEB) e Samantha Ramos (UEL) têm como foco o ensino de inglês em escolas de ensino fundamental e médio sob circunstâncias extremamente difíceis. Diante da necessidade de promover espaços de familiarização com o uso das tecnologias no ensino, foi proposto um minicurso em uma plataforma virtual, como atividade na formação inicial de professores de inglês. Neste artigo, as autoras analisam uma tarefa na qual os professores em formação explicitaram suas imagens sobre a escola pública, seus alunos e professores. Essas imagens revelaram visões estereotipadas sobre a escola pública, com professores e alunos considerados vítimas ou heróis que perecem ou triunfam por suas características individuais. As autoras concluem que uma proposta como a que foi desenvolvida precisa ser subsidiada por um planejamento que permita *feedback* das atividades, a fim de possibilitar a reflexão sobre as produções dos alunos, especialmente quando envolverem mundos imaginados que ainda guardam fortes vinculações com um quadro negativo, para o qual não se vislumbra saída.

Já o artigo *Fala do professor e a produção oral dos alunos*, de Daniela Nóbrega (UEPB) e Roseanne Tavares (UFAL), apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa sobre a relação dos elementos verbais do professor com os elementos não verbais dos alunos (sorriso) na interação em sala de aula de língua inglesa. As autoras se propõem a discutir como a fala do professor contribui para o desenvolvimento da oralidade dos alunos. Com base nas observações em sala de aula, a pesquisa demonstrou que a oralidade dos alunos está normalmente relacionada com o discurso oral do professor, sobretudo nas atividades em pares e individuais em sala de aula. Quando estão trabalhando em grupo, os alunos tendem a interagir melhor entre si e com a professora. O uso do sorriso pelos alunos reflete um melhor desempenho oral nessas atividades em grupo. No entanto, quando interagem com o professor individualmente, o sorriso dos alunos assume uma função de bloqueio de fala. Neste estudo, o sorriso dos alunos mostrou ser um componente interativo fundamental nas conversações em sala de aula, podendo contribuir ou não para a produtividade oral, de acordo com as diferentes situações interacionais de sala de aula.

Depois, Luciane Kirchhof Ticks, da UFSM, discute as reflexões de uma professora de inglês pré-serviço acerca de suas ações em sala de aula, focalizando particularmente seus esforços para desenvolver atividades pedagógicas – e avaliativas – que tivessem em sua base a perspectiva de aprendizagem como pro-

cesso social. O artigo intitula-se *Pesquisa colaborativa: reflexões sobre o processo de aprendizagem como prática social de uma professora pré-serviço de inglês*. As reflexões da autora foram desencadeadas por meio de pesquisa colaborativa, durante a realização de estágio curricular supervisionado em uma escola pública. Os resultados indicam que a professora-estagiária foi capaz de desenvolver uma prática pedagógica (e avaliativa) que focaliza a linguagem não apenas como um produto, mas como um processo social. Além disso, a participante focalizada problematizou as relações de poder no contexto escolar, chamando à atenção o desempoderamento dos estagiários em relação a outros membros (professores titulares e supervisores e coordenadores) no desempenho de suas atividades profissionais naquele espaço social.

Por fim, Maria Luísa Bredemeier (Unisinos), com o artigo *O ensinar e o aprender português nas escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul* faz um importante resgate da história das políticas de ensino de línguas no Rio Grande do Sul. O referencial teórico do estudo situa-se, por um lado, no campo da sociolinguística, em particular, da educação linguística de migrantes e de seus descendentes. Por outro lado, a análise é conduzida com base no uso de “ferramentas teóricas oriundas do pensamento de Michel Foucault e de Paul Veyne, tanto no que diz respeito à escrita da História como à forma de escrutinar os artigos selecionados.” A autora identifica os enunciados centrais dessa política, fazendo emergir temas atuais e pertinentes, não só sobre o ensino de línguas, mas também sobre os direitos linguísticos das minorias constituídas pelos descendentes de imigrantes. Dentre esses enunciados, destacamos dois, o primeiro, por sua pertinência, e o segundo, por antecipar a ampla discussão levada a cabo na segunda metade do século XX e que resultou na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: “o material a ser usado nas aulas de português deveria ser apropriado e próximo da realidade do aluno” e “as crianças das escolas da imigração alemã, sendo brasileiras, deveriam aprender o português, mas era necessário garantir o direito de os imigrantes e seus descendentes manterem sua língua materna”.

Os sete artigos que compõem este número da *Calidoscópio* contemplam questões muito caras à Linguística Aplicada, pois tratam tanto das representações socioculturais quanto das práticas escolares referentes à aprendizagem e ao ensino de línguas. São textos que podem não só subsidiar decisões de política linguística num país multilíngue como o nosso, mas também embasar cursos de formação de professores de línguas e o próprio ensino de línguas.

Dorotea Frank Kersch e  
Ana Maria Stahl Zilles  
Editoras